

A VOZ de MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

A Minha gratidão Saudamos

PARECE UM SONHO o que há dias presenciámos na nossa vila de Melgaço... Os dias trinta e um de Maio e um de Junho nunca mais nos esquecerem.

Cerca de vinte mil pessoas que ali acorreram para testemunharem a Jesus na Eucaristia, a sua homenagem e o seu amor...

Depois... que entusiasmos, que ordem, que respeito, que linda comunhão de afectos, de sentimentos!...

Não se ouviu uma palavra de desrespeito, nem se viu um gesto menos reverente, nem uma atitude menos digna.

A recepção às autoridades, a missa das crianças, o solene pontifical e o acto culminante ao dia: a grandiosíssima procissão teofórica, a consagração do concelho a N. Senhora, pelo ilustre Presidente da Câmara e a bênção eucarística são números que não se descrevem convenientemente, porque só vistos.

Quero testemunha a todos os melgacenses a minha mais profunda gratidão.

Fomos longe porque fomos todos.

Porque todos nos encontramos nesta frente, desde a primeira hora, desde a primeira conferência.

«E nota encantadora no meio de tudo isto:—todos lhe chamavam a nossa festa».

Pois foi realmente a nossa festa, esta apoteose a Jesus na Eucaristia.

A todos pois a minha profunda gratidão e as minhas homenagens, aos Senhores Presidente e Vice-Presidente da Câmara e ao senhor Provedor do Hospital, que desde a primeira hora deram o seu indispensável concurso; aos zelosíssimos funcionários da Câmara, desde o seu ilustre e incansável Secretário, Senhor Herculanio; aos senhores e Senhoras Presidentes de todas as Comissões e seus ilustres membros; ao senhor Valverde que tanta luz nos deu para esses memoráveis dias; ao Senhor Hilário pelo seu fatigante trabalho e pela gentileza da cedência, para um dos dias, do seu lindo teatro; àqueles que nos

(Continua na 4.ª pág.)

O nosso aniversário

O nosso colega local, «Notícias de Melgaço», referiu-se nestes termos, ao primeiro aniversário de «A Vos de Melgaço»:

«Entrou, há dias, no seu segundo ano de publicação este nosso colega. Sem vaidades, nem preconceitos, é um grande pugnador católico e regionalista. É quinzenário.

(Continua na 4.ª pag.)

S. João de Brito

Em 22 de Junho, na Basílica de S. Pedro, em Roma, foi, solenemente, canonizado o missionário e



mártir português: S. João de Brito.

O acontecimento, para nós, era, simultaneamente, um acontecimento religioso e patriótico.

Assim a Igreja esteve representada e o nosso Império com 2.000 portugueses: portugueses de todas as Províncias, desde o longínquo Timor ou Macau, —até às províncias do Continente.

Visitou a cidade de Braga, em 22 de Junho, a fim de proceder à inauguração da «Feira», o sr. Engenheiro Daniel Barbosa, ilustre Ministro da Economia.

O povo da cidade e das aldeias aclamou-o, com delírio, desde a velhinha, de 90 anos, que pediu licença para o beijar até à multidão que exclamava: «Viva o nosso paizinho». Foi um delírio.

Braga que é a cidade das grandes manifestações, teve, na manifestação do dia 22, a espontaneidade e a sinceridade.

Associamo-nos a esta homenagem a Sua Ex.^a, porque a alegria da nossa gente é a nossa própria

O Governo Português, Governo de um povo que é, por excelência, missionário, subsidiou, com 10.000 contos, a peregrinação nacional a Roma e fez-se representar pela personalidade, a todos os títulos, muito distinta do Eminentíssimo Cardeal Patrício, de Lisboa.

A largada do Tejo foi imponente: Todos os Bispos do Império, representantes de todas as províncias ultramarinas, representantes das ordens religiosas missionárias.

As cerimónias da canonização, em Roma, escreveram os jornalistas portugueses, que o Governo Nacional lá mandou, de avião, foi de uma importância rara e o Santo Padre abençoou, com especial ternura, o grupo português, de peregrinos. Pretos e brancos—portugueses—saudaram o Papa e vitoriarão o Santo Mártir, do Maduré, S. João de Brito.

Mais um Santo português.

alegria, porque há géneros e são menos caros, porque há pão livre e já se pôde comer à vontade.

Sua Ex.^a o sr. Ministro, quando recebia os cumprimentos do Presidente do Grémio da Lavoura, de Braga, fez-lhe, logo, esta pergunta:

— Como vamos de milho, sr. Doutor?

— Muito bem, sr. Ministro.

Depois de vermos a alegria da nossa gente, não queremos esquecer a atitude do Dr. João da Rocha Páris, deputado da Nação, pelo nosso Distrito, o qual se bateu, nobremente, contra todos, para que fosse autorizada a venda livre do milho.

Em Melgaço, ovimos, muitas vezes, fazer este pedido.

O nosso Grémio da Lavoura, debaixo da orientação do prof. Abel Domingues, logo secundou a atitude do lustre deputado.

Mais Reuniram-se todos os lavradores do Concelho, no teatro Pelicano, e abordaram disciplinadamente, também, este caso.

Melgaço antecipou-se na sua exposição justa aos demais concelhos.

O Sr. Engenheiro Daniel Barbosa, actual Ministro da Economia, decreto, não obstante todos os Grémios da Lavoura, menos o de Melgaço terem votado contra a venda livre do milho, o Sr. Ministro da Economia, repito, decretou a venda livre.

Deante deste facto e deante da alegria do nosso povo que vive bem melhor, não queremos, elogiando a acção do Sr. Ministro da Economia, esquecer esta nota de justiça, justiça que é timbre de «A Voz de Melgaço»; para com o deputado João da Rocha Páris e para com a Direcção do nosso Grémio.

JÚLIO VAZ

DE MELGAÇO

A FATIMA

Impressões de Viagem

II

A partida tinha sido fixada para as 9 horas. E' preciso que todos estejam a tempo na Calçada e que os de perto não sejam os últimos! Tinha eu avisado. Não foram. Quem falta então? São os de (Loviô) que por estar a chover atrazam a saída.

A Sr.^a Rosa Ferreira, a mais velha da comitiva, mãe dos Srs. Pereiras, escolhe o lugar que mais lhe agrada.

Vamos até à Loja Nova a ver se os outros aparecem! Já antes se tinha telefonado para lá. Não estão.—Espera-se mais um pouco e eis que eles chegam cansados de correr.

Tomam os lugares e partimos.

Pequena paragem em Prado para entrarem duas peregrinas: Adelaide e D. Alberta.

Em Penso nova paragem para receber os desta freguesia, e logo ó presididos pelo sr. Luiz Cordeiro.

Monção à vista!

Agora é Valença! A linda camionete nas mãos seguras do sr. Sá (e mais ainda nas de Deus) desliza certinha na linda estrada do Minho.

Cerveira! Oh «tia Rosa» olhe a sua casa! é a naturalidade da Sr.^a Rosa Pereira, simpática velhinha da comitiva, mas sempre robusta e bem disposta.

Caminha, Ancora, Viana! São horas de almoçar. Paramos, pois. Também é a terra do «chaufeur»; quer dar as despedidas...

Pahe Justino Domingues

PELA NOSSA TERRA...

DA VILA E ALDEIAS

Remoão, 9

Nos dias 24, 25 e 26, do mês de Maio findo, realizou-se na igreja desta freguesia o Tríduo preparatório para o Grande Congresso Eucarístico que teve lugar no dia 1 do corrente.

As conferências estiveram a cargo do Rev.º Fr Feliciano, da Ordem dos Passionistas (S. Paulo da Cruz), que agradaram sobremaneira, achando-se o templo lindamente ornamentado e sempre repleto de fiéis, notando-se nestes a maior ordem, respeito e manifestação de fé.

Concluiu-se estes religiosos actos com grande número de comunhões, que ascenderam a 20).

—No dia 6 deste mês, quando o sr. António Alves, cunhado do nosso amigo e assinante, Luiz Manuel Cardoso de Gondomar, desta freguesia conduzia um carro de bois, estes assustaram-se atropelando o referido sr. Alves que ficou debaixo do carro recebendo graves ferimentos.

Guarda o leito e o seu estado inspira sérios cuidados.

—No dia 16 deste mês fez anos o sr. António Barbeitos da Silva Júnior, filho do nosso amigo e assinante António Barbeitos da Silva, do lugar de Cima de Vila.—C.

Chaviã, 12

Como preparação para o Congresso Eucarístico de Melgaço realizou-se nesta freguesia, na última dezena de Maio, uma missa de que foi orador Bernardo Pintor.

Em Outubro findo já tinha sido o povo disposto para o grande acontecimento eucarístico por outra missa.

—Vindo do Brasil chegou a esta freguesia o Sr. Amador Abílio Lopes e sua Ex.ma Esposa.

—Da Africa Oriental veio de visita a seu pai o Sr. Alberto Alves, que dias depois seguiu para a Inglaterra onde se encontra sua Esposa.

—Também para assistir ás grandiosas festas Eucarísticas e visitar sua família vimos nesta terra a S.ª D. Maria de Loures e sua irmã Paula e seu irmão

Engenheiro José Augusto Alves.

—Vão continuando a chegar donativos para a nossa Igreja, merecendo lugar de honra o Sr. Alberto Augusto Alves, residente em S. Paulo, que se dignou enviar mil escudos.

A todos os benfeitores do nosso pároco vai dirigindo o seu reconhecimento em nome da comissão

—Esteve nesta freguesia um engenheiro contratado pela Câmara Municipal para levantar a planta dum caminho vicinal até à igreja paroquial. Apenas principiou, não concluindo o estudo devido ao mau tempo. Esperamos que volte brevemente para bem desta terra.—C.

Parada do Monte, 12

Esteve gripado o nosso pároco, pelo que recolheu ao leito durante alguns dias. Felizmente já se encontra restabelecido.

—Do Porto já regressou o Sr. Manuel Pires e sócio, onde se tinham estabelecido ainda há pouco tempo.

—Deu-nos o prazer dum visita rápida o Sr. Manuel Alves, negociante de

PELA VILA

crónica da quinzena

Com as lides do Congresso e mais com o seu deslumbramento já não sei por onde lhe hei-de pegar ao ter que escrever a minha crónica habitual.

Perdoem-me os leitores

madeiras em Vila Nova de Gaia.

—No dia oito passado realizou-se a festa de Santo António. Foi orador o Sr. Abade de Ribadouro. Foi a primeira dentre as muitas que se costumam fazer em cada ano nesta freguesia.

—Já há meses que se encontram, em França, Manuel Domingues e Porfírio Esteves. Muitos mais desejam emigrar. Não o fazem por estarem proibidas as emigrações.

—Tivemos conhecimento de que a Sr.ª Beatriz de Araújo, regente escolar nesta freguesia, vai fazer uma permuta com a Sr.ª Glória Esteves, regente em Castro Laboreiro. Como é a contento de ambas, desejamos lhes que sejam atendidas e muito felizes nos novos postos a ocupar.—C.

(se alguns tenho) a maneira desajeitada como esta vai escrita.

Além disso não tenho tempo de anotar os factos na agenda e por isso não me sei de nada para escrever. Sei apenas: Que se vendam muitos números especiais do nosso jornal e que muitos o têm procurado assinar.

Não há dúvida de que os 3 últimos números agradaram em cheio!...

Há tempos foram as crianças da Catequese, desta Vila, dar um passeio até a cadeia nova,

onde visitaram os presos e viram todas as dependências. No Domingo passado foram ao Monte de Prado; comeram um açafate de cerejas e depois uns jogaram a bola e outros passearam com o pároco junto às margens do Minho.

Também aqui houve regozijo pela Crononização de S. João de Brito, mais um entre os poucos Santos portugueses, que o nosso povo conhece.

No dia de S. João Baptista, houve os costumes dos folguedos populares.

Nada mais me ocorre a não ser o alecimento da Sr.ª Libânia Alves, das arvalhiças.

Bon Marché

(Casa fundada em 1914)

PRADO

MELGAÇO

Mercearias, Queijos, Doçarias, Vinhos Verdes e Maduros, Papelaria, Livraria, Artigos Escolares, Velas de Cera, Sal, Escovas e Vasouras, Cordoaria, Louças, Vidros e Miudezas

Grémio da Lavoura de Melgaço

Telefone: 13

PRESTA aos seus associados as melhores vantagens na compra de alfaías agrícolas, adubos, artigos para apicultura e viticultura, farinhas para animais, sulfatos de ferro e de cobre, enxôfre, corda e outros artigos para lavoura.

ENCARREGA-SE, em condições vantajosas, de colocar os produtos dos seus associados no mercado e de obter respostas a consultas que lhe sejam apresentadas sobre assuntos de lavoura.

CONVIDA os associados a aproveitarem os seus serviços e visitarem os seus armazéns, verificando as vantagens que podem usufruir quer em preços, quer em qualidades.

GARANTE as qualidades dos artigos que fornece e a modicidade dos preços.

A SAMARITANA

DE

Hilário Alves Gonçalves

PRAÇA DA REPUBLICA — MELGAÇO

(Casa fundada em 1927)

Lanifícios para fatos de homem; Fazendas de lã e de seda, para vestidos e casacos de senhora; Fantasias e tecidos de algodão das ultimas novidades; Camisaria; Gravatas; Chapéus Guarda-sois; Calçado para homem, senhora e criança; Malhas e Miudezas; Perfumarias e artigos de Beleza; Brinquedos e Bijouterias; Artigos eléctricos e T. S. F.; Papelaria e artigos para escritório; Confeitarias; Mercearias; Vinhos finos e Espumosos

Correspondente da Companhia de Seguros «Tranquilidade»

—Encarrega-se de instalações eléctricas—
A máxima seriedade nas suas transacções.

Instrução religiosa

VI domingo depois
de Pentecostes Mac.
VIII, 19

Naquele tempo, como Jesus fôsse seguido de grande multidão de povo que não tinha que comer, chamou os seus discípulos e disse-lhes: Tenho compaixão deste povo, porque há já três dias que estão comigo e não têm que comer; se os mando em jejum para suas casas, morrerão no caminho, porque alguns vieram de longe. Os discípulos responderam-lhe: como se poderá achar pão suficiente neste deserto para os saciar?

—Quantos pães tendes?
—Sete. Então mandou Jesus ao povo que se sentasse no chão e tomando os sete pães, deu graças, partiu-os e deu-os aos discípulos para eles os distribuírem ao povo e eles os distribuíram. Tinham também alguns pequenos peixes; abençoou-os e mandou que os distribuissem também.

Comeram, pois, e ficaram satisfeitos e levantaram sete cestos cheios de pedaços que sobraram. Ora os que comeram eram perto de quatro mil. Jesus despediu os.

Considerações p' áti os

Misereor super turbam
—Tenho compaixão deste povo.

Jesus, que passou sobre a terra a fazer bem, de maneira que por onde Ele passava não ficavam lágrimas sem enxugar, dor sem suavizar e feridas sem cicatrizar, quis neste passo da sua vida ensinar-nos a compadecer-mo-nos dos nossos semelhantes que sofrem de miséria e fome.

Ele vê-se rodeado de milhares de pessoas que deixam tudo para o seguir e escutar a sua palavra. Não levam provisões. No entanto logo sobreveem as necessidades orgánicas. O estômago reclama alimento. As faces denotam fome. Não o se queixam, não se revoltam e não abandonam a Jesus. Porém o exterior reflectia a mángua interior. Jesus, sempre meigo e afável para com aqueles que seu Eterno Pai lhe tinha dado—que eram todos os homens—comove-se perante este espectáculo e apressa-se a socorrê-los. Fé-lo até à abundância.

Ora espectáculo semelhante desenrola-se constantemente aos olhos de

todos os cristãos. Quantos dos nossos irmãos estão cheios de fome e de miséria:

Podemos agrupá-los em duas classes, mas todos com direito ao socorro, à esmola e à caridade dos mais abastados, ou mesmo arremediados.

Uns são pobres honrados, mesmo envergonhados. Vivem do seu trabalho e não os seduz o alheio. Preferem a morte, mas não tocam nos bens que lhe não pertencem. Sabem que o roubo é um pecado que os priva do céu, uma ofensa a Deus que em toda a parte os vê e uma injúria ao próximo que é seu irmão. E ainda uma desonra perante a sociedade. Preferem a pureza da sua alma ao conforto do seu corpo. Não se revoltam, mas sofrem no interior da sua alma.

Não mendigam, não estendem a mão á caridade. Não se atrevem. Têm vergonha. E são tantos estes pobrezinhos!

E talvez, uma pobre viuva rodeada de filhinhos orfãos que tiritam de frio porque não têm que vestir.

E um pai de família que já foi remediado e que de momento caiu na miséria devido aos revezes da vida.

E um parafítico, outra laborioso, agora estendido em miserias palhas, ou mesmo alguem, sem eira nem beira, prestes a ser lançado fora da choupana onde habita porque não pode pagar o arrendamento que o senhorio reclama.

Como são dignos de compaixão estes infelizes! Como eles se parecem com aqueles que Jesus socorreu!

Quem será tam duro do coração que recuse o auxílio de quem carecem? Quem assim fizesse não se podia dizer discípulo de Cristo, porque não imitava o seu mestre.

Sejamos generosos para com estes pobrezinhos na medida das nossas possibilidades e sem que a nossa mão esquerda saiba o que dá a direita.

—Outros há que andam de porta em porta mendigando o seu sustento. Muitos destes são inolentes, preguiçosos e vaidos. Não são resignados e revoltam-se contra os ricos que não são generosos. Desprezam a Deus, não O amam, não O temem, nem observam a sua lei. A estes falta o

pão do espirito e a graça de Deus.

Não porque Deus os abandonou mas porque eles abandonam a Deus e não cooperam com a sua graça. Quanto são dignos de compaixão! Carecem do pão do corpo, mas muito mais do pão da alma.

Têm necessidade do socorro material, mas muito mais do espiritual.

E' dever do cristão praticar para com eles as obras de misericórdia espirituais, como Jesus praticou com a adúltera a quem não só não condenou, mas recomendou-lhe que não tornasse a pecar, para que não sejam infelizes na vida presente e mais ainda na eternidade.

Porém, não deixe o cristão de abrir com generosidade as mãos para estes infelizes, porque eles não acolherão conselhos, ensinamentos ou correcções se lhes não mitigarem a miséria do corpo.

A. Cerqueira

Coisas da nossa Terra...

Exertia das videiras americanas

Apesar da boa vontade da quase totalidade dos lavradores do nosso concelho foi impossível enxertar todas as videiras, a que estavam obrigados.

E foi impossível, porque o inverno longo, duro, áspero, não o consentiu.

Depois, o volume das videiras a enxertar era muito grande e não bastavam os técnicos.

Mas havia na verdade a boa vontade.

O certo é que algumas tiveram que ficar e o facto causou alarme, pois ignorava se o que poderia suceder após uma nova revisão pelas brigadas respectivas.

Aproxima-se a nova época de enxertia de borbulha.

Creemos que não é esta modalidade a recomendada; no entanto seria óptimo que todos cumprissemos a lei.

Não a discutimos. De que nos vale, se é lei?

«A Voz de Melgaço», com a sabido, defendeu o seu ponto de vista até perante as autoridades. Empanhou e na solu-

ção do facto o melhor que pode.

Garantiu às autoridades e boa vontade do lavrador em cooperar. As autoridades tiveram na devida consideração o nosso pedido.

Não os iludamos na sua confiança e na presente época enxertemos o que falta.

Pode vir nova fiscalização e depois de doze anos de paciência e de espera quem sabe se aquela acabará?

Exames

Aproxima-se a época dos exames de 3.ª e 4.ª classe.

O presente ano lectivo foi péssimo. Não sabemos como será possível que os senhores professores consigam «dar» toda a matéria.

E dizemos isto, porque o inverno rigorosíssimo que passou, não deixava que as crianças fossem à escola com a frequência devida.

Com poucas roupas, muito frio, muita chuva e isto constantemente, não era possível trabalhar.

Para mais, após essa in-

Ainda a visita do Ministro das Obras Públicas a Melgaço

de um quartel de menores proporções das daquele projecto, que estava orçado em cerca de 1900 contos.

Prometeu conceder também a necessária participação para a construção do reservatório de água para rega em Chaviães, depois do parecer favorável da Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos, onde o respectivo projecto está em estudo.

* * *

A Câmara tem em curso, em projecto ou em estudo as seguintes obras:

Abastecimento de água à Vila e às povoações de Cavaleiro e de Oleiros, da freguesia de Rouças. O projecto já se encontra elaborado e em estudo na Repartição de A'guas e Saneamento da Direcção Geral dos Serviços de Urbanização e incluído no plano do Governo para 1947 com uma participação neste ano de 150 contos e nos anos imediatos de 285 contos.

Pavimentação das Ruas da Calçada e Sul da Praça da República. Terminou o respectivo concurso com a participação do Estado em 102 contos.

Reparação da Estrada de Cavaleiros: pedida a verba de 20 contos de participação.

Construção da estrada da Estrada 202 a São Paio: pedida a transferência de uma participação já concedida para o caminho vicinal a Castro Laboreiro. Como o projecto já está entregue espera-se que se inicie no decurso do corrente ano.

Construção da estrada do Viso à Igreja de Chaviães: projecto em elaboração para ser participada em 1948.

Construção da estrada de Pomares e Parada do Monte: idem.

Construção de uma avenida no Calvário, em Rouças: idem.

vernica desfeita que passou os rapazes depois foram atingidos em massa e por bastantes dias com o sarampo e a tosse convulsa.

E por aí os víamos nesses caminhos, olhos vermelhos, cheios de sangue,

(Continua na 4.ª pág.)

Melgaço ao Gerez

TERRA FRIA—é assim que é de uso chamar à zona fronteiriça do nosso país que se estende de S. Gregório— extremo Norte —para o Sul, passando por Portelinha, Castro Laboreiro, Peneda, seguindo sempre até dar a mão às terras transmontanas. Por lá gastamos as nossas férias de quinze dias numa inesquecível volta serrana.

O mau tempo que de gñicio nos apouquentou obrigou a nossa caravana cam- (juista a invernar três dias Csto em pleno Agosto) em reastro Laboreiro — terra tintamente raiana, com as suas casas quase todas com telhados de côlmo, as atapetadas de giestas para estrume, gente com trajés e talares que são no vidade para nós, homiens do litoral. Predominam as mulheres, as Castrejas enroupadas de tecidos grosseiros onde o negro das saias abafa o escarlata dos saiotés. Capotes de burel, sem enfeites nem talvez a graça das que usam as Nazarenas, mas resistentes aos ventos e às chuvas pesadas das serranias. Saias curtas deixando ver as características polainas de lã churra de fabrico local, brancas, com atilhos em cruz que as apertam até aos joelhos, azendo-nos lembrar os esquimós. Chancas com rastos de vidro: ro de ponta de revirão, chapeadas e pregadas com tachões. Andam a largos passos, saltando com facilidade por cima das poldras do caminho da fonte, com aquela prática adquirida nas vertentes rochosas dos montes. Enérgicas e destemidas, as castrejas trabalham os seus pequeninos campos, «os barbeiros», de enxadas unhas ou empunhando a vara e a rabiça do seu arado.

«Vimos uma com a saia levantada dos lados e presa na cinta, deixando ver o saioite, lavrando, animando as vacas com frases que não compreendemos, lançando a semente à mãe terra, aguentando ainda com alguma chuva, sôzinha para tanto serviço. Não se esqueceria, depois de finda a lavoira, depois da semente agasalhada, cumprir o ritual antigo fazendo uma cruz de gies-

ta, colocá-la sobre o chão e cobri-la com punhados de terra, dizendo:

Tantas medidas de centeiro de este barbeito como de grãos de areia em cima desta cruzinha deito.

Terra de fracos recursos, vivem os seus habitantes do pão de centeiro, batatas, que os barbeitos produzem, leite de cabra e pouco mais. Nem as hortas nem os pomares ali se dão. Os campistas que a visitarem devem ir prevenidos com tudo, mas, no entanto, o esforço dum saco mais pesado será largamente compensado por panoramas inéditos de beleza serrana, tanto do seu velho castelo arruinado como também numa visita ao Anamam, massa granítica que domina toda a região nascente, e até mesmo com a beleza do Rio Laboreiro e seus moinhos.

As noites que ali passámos, tivemos fogo na lareira em casa da Tia Ana Macheta. Bem protestou ela quando viu queimar a lenha, que ali é rara, e o fumo invadir a sua casa nova, onde dormíamos. Enfim, não nos queria muito mal, não, pois compreendia a razão e o que nos sabia a lareira quente, enquanto nas praias se refrescavam... com pouca roupa, e fa dizendo no seu falar raiano:

—At que ladrones!... A que ladrones!... Que ma fumam má casinha...

Foi com grande alegria que vimos novamente brilhar o Sol, para nos largarmos pelo Monte do Lagarto até à Senhora da Peneda.

Do «Geal» — Pôrto

NOBRE JÚNIOR

Seja amigo da sua terra!

Assine

A Voz de Melgaço

Pela Administração

Deu-nos a honra da sua assinatura o Sr. António Conceição Fernandes.

Muito obrigado.

Los nossos estimados assinantes

Têm sido muitos os que nos têm pago a assinatura, diantadamente.

Aos que faltam, vamos enviar o recibo de cobrança, pedindo, a todos, favor de n s não devolverem o recibo, porque acarreta maiores despesas.

O nosso aniversário

(Continuação da 1.ª pag.)

E se ainda não deliberou retomar o ritmo de semanário, é porque as dificuldades ainda são grandes. Contudo, é esse o seu fim. No começo do segundo ano de nova luta, o «Notícias de Melgaço», felicitava o seu colega, desejando-lhe muitas prosperidades».

Por esta gentileza, tão calivante, os nossos agradecimentos.

A minha gratidão

(Continuação da 1.ª pag.)

ajudaram com seus valiosos donativos e foram tantos, tantos, não esquecendo a oferta gentilíssima dessa simpática figura, nosso ilustre conterrâneo, quenô Brasil trabalha, Senhor Hilário Ferreira que nos mandou 3.000\$00; ao nosso muito querido amigo, P.e Armando e a todos os subscritores do Rio de Janeiro, não esquecendo o nosso bondoso amigo, Snr. Carlos Costa, agora tão rudemente provado pela morte de sua querida irmã, que nos mandaram e este trouxe, do Rio de Janeiro, a avultada soma de 3.000\$00; aos trabalhadores e aos dirigentes de todas essas pequenas grandes coisas, que tão bem as fizeram ao simpático Abel e Torquato e Snr. Nogueiral; e a todos os meus ilustres colegas, zelosos, sacrificados, sempre confiantes no triunfo dessa grande jornada de fé, de que foram alma e lustre; a todos, todos melgacenses, que eu não sei se em particular ficaria alguém inadvertidamente por agradecer, a todos os meus sinceros e profundos agradecimentos.

Não posso também esquecer o valiosíssimo curso de dois ilustres melgacenses e que tanto contribuíram para que fosse grande o volume de fieis: os nossos grandíssimos amigos, Senhores Teixeira e Ranhada. O serviço da camionagem, de transportes, agradeou plenamente.

Dou-me por feliz por ter colaborado, e servido, obscuramente e m bo r a, nesta grande jornada de fé.

—Demos graças a Deus!

P. CARLOS VAZ

Coisas da nossa Terra...

(Continuação da 3.ª página)

vitimas desse flagelo, que ainda continua.

Apesar de muito trabalho e competência ao nosso zeloso professorado, não sabemos como será possível fazer o milagre de apresentar rapazes a examã, com o nível de cultura, a que estávamos habituados.

Nada temos com os serviços oficiais, mas este ano devta haver uma coisa parecida com um perdão da acto.

«A Voz de Melgaço» temunha à ilustre classe do professorado a sua mais alta estima.

As nossas festas

Começaram as nossas festas.

Simple, bonitas, encantadoras, elas são uma necessidade.

Como o nosso lavrador as espera...—Um ano de trabalho penoso, agreste, e x a s t i v o, dão lhe direito a descansar e a divertir-se.

E elas af estão as nossas festas. Grandes, saudosas como as de S. Bento, de Fiais, Senhora da Vista, Senhora da Cabeça, etc. etc...

Ou mais modestas, mais simples, como muitas das outras...

Elas af estão as nossas lindas festas.

Dão muita vida.

Compram-se fatos, vestidos, lava-se a casa, melhoram-se as refeições; chama-se a música. bate-

se à porta do pirotéctico emfira... dão muita vida as nossas lindas festas.

Mas hojevão sendo muito caras e o povo está a fugir bastante de as realizar.

Foi por isso que causou estranheza a noticia de se sobrecarregar mais as respectivas comissões com a obrigatoriedade ao pagamento às duas praças da guarda republicana.

Fazem falta as praças da guarda nas nossas festas, sobretudo nas grandes. Nas pequenas... talvez não

Rendemos ao nossas homenagens aos bons serviços que a Guarda está a fazer no nosso concelho.

Mas as comissões não podem com ma encargos.

Qualquer festa mediana custa 2.000\$00. E difícilment se arranjam. Por isso há dificuldade em conseguir comissões de festas e algumas já morreram.

Levado o caso ao muito digno Vice Presidente da Câmara, nosso amigo Sr. Monteiro, resolveu Sua Excia. que só nas grandes festas os mordomos requisitassem a guarda. Os regedores como até aqui, poderiam ficar com o en cargo de velar pela manutenção da ordem nas outras.

Coisas da nossa Terra... Pequenas casas de família...

Temos de resolve-los assim. A ninguém falta a boa vontade. E ainda bem.

a VOZ de MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Rancho da Cela

Em meados de Junho encontramos, na cidade do Porto, ocasionalmente, o consagrado poeta e delicadíssimo artista, Dr. Pedro Homem de Mello. Depois dos cumprimentos do estilo, perguntou-me o Dr. Pedro:

—Como vai o Rancho da Cela?

—Como sabe, repliquei, vivo longe de Melgaço e não sei, em concreto, coisa alguma; mas parece-me que já não tem actividade.

—E' pena. Vi-o, diz-me o poeta, no Peso, quando

por JÚLIO VAZ

da visita do Governador de Viana a Melgaço. Fiquei maravilhado.

—Tanto, acrescentei eu, que veio propor à Delegação da F.N.A.T. de Braga para se interessar junto da Comissão das Festas do S. João a fim de o convidar a exhibir-se no festival da Avenida, a parte mais elegante das festas.

E a conversa morreu.

* * *

Há dias verifiquei que ranchos de todo o País, em representação de todos os rios foram a Lisboa tomar parte no cortejo fluvial. É no dia 31 de Junho, alguns, por escolha, de Juri, exibiram-se, com estrondosos aplausos, no Palácio dos Desportos.

O grupo Folclórico da F. N. A. T., de Braga, a cuja direcção pertencem, não se esqueceu da nossa terra dançando, maravilhosamente, um fandango, recolhido pelo saudoso Mestre Dr. Gonçalo Sampaio, aqui em Melgaço. Mas isto não basta.

Devíamos ter lá o nosso rancho regional.

Portugal renasceu, nos seus 8 séculos de glória na linguagem popular da nossa gente, nos seus cantares tradicionais, nos seus trajes garridos—trajes que vão desaparecendo—, nas danças características do nosso povo.

* * *

Melgaço deve ter sido rico em folclore, mórmente nas freguesias da serra. Tudo se perdeu ou se vai perdendo.

O rancho da Cela, que o nosso amigo Dias creou e animou, foi uma esperança, foi luz, foi um so-

Associamo-nos ao nossa Colega local

Ribeiro da Silva, o amigo de sempre da nossa bela estância do Peso, reclamava no «Noticias de Melgaço» de que é muito digno Director, um carro de aluguer no Peso. Tem razão.

Associamo-nos à ideia tão proficientemente exposta e reconhecemos ser de urgente necessidade.

E agora que o preço de aluguer de automóvel é mais acariciador, para o passageiro, têm enormes vantagens, em especial de Turismo.

A natureza foi pródiga para com Melgaço, oferecendo lhe recantos de extraordinária beleza. Há que mostrar, mesmo aos que sofrem de ancia, as belezas da terra e proporcionar-lhes o meio, em condições, de as alcançar.

A conversa com o Dr. Pedro Homem de Mello trouxe-me à memória estas linhas, com as quais desejava consagrar uma iniciativa interessante e que bem podia e devia ser acarinhada, contanto que, neste momento, houvesse um director artístico, o qual se encontra, fora de Melgaço, nesta altura.

Dr. João da Rocha Páris

Encontra-se gravemente doente o nosso particular amigo, Dr. João da Rocha Páris, ilustre deputado da Nação, pelo nosso Distrito e digno Presidente da Câmara Municipal de Viana do Castelo.

Desejamos-lhe prontas melhoras.

O nosso aniversário

Foram muitos os que se associaram à nossa festa — o primeiro aniversário de «A Voz de Melgaço» — e nos enviaram as suas felicitações.

De Lisboa, onde a colónia melgacense é, bastante, numerosa, escreveu nos o nosso conterrâneo Gilberto Cardoso.

O MUNDO DE RELANCE

Graves acontecimentos agitaram a Europa e podemos resumir los:

- 1) Plano de Marshall
- 2) Caso da França
- 3) Caso da Espanha

O Secretário dos Estrangeiros, dos Estados Unidos, Marshall, ofereceu à Europa, continente, auxílio económico, que obriga à coligação de todas as nações europeias.

Para estudar este plano, os Ministros dos Estrangeiros, da Inglaterra e da França, reuniram-se em Paris e convidaram a Rússia a tomar parte nesta reunião.

Molotov veio representar a Rússia e recusou-se a colaborar neste plano, porque disse crear a divisão do continente europeu, entre o Ocidente e o Oriente. E Molotov retirou-se para Moscovo.

Não fizeram caso, a Inglaterra e a França, e determinaram continuar o estudo, convidando todas as nações europeias, menos a Espanha, para já, a fazerem-se representar.

Portugal foi convidado para esta reunião e aceitou o convite. Estaremos, portanto, na próxima conferência de Paris.

Esta atitude da Inglaterra e da França trouxe a completa separação do ocidente com o Oriente e a impossibilidade de conciliação no futuro.

A Europa está dividida em dois sectores e a imagem da Europa é a imagem do mundo.

Caso da França

Tem havido, na França numerosas prisões e efectuaram-se sob a acusação de que se conspirava contra a República, planeando uma revolução que sairia para a rua, no dia 6 de Agosto.

Neste movimento revolucionário estão implicados os franceses que melhor se bateram, na resistência, durante a ocupação e que vincaram todo o valor francês, registando-se, entre os primeiros presos, um Conde e vários generais.

Caso de Espanha

Na Espanha votou-se, em 6 de Julho, a lei da sucessão, isto é, a Espanha passa de República a Monarquia.

Mas este pl. biscito, consagrando a Monarquia, consagra a obra do General Franco, porque só pode ser Rei de Espanha quem respeitar o sangue vertido, durante a guerra civil pelos nacionalistas e estiver resolvido a honrar os mártires da revolução.

Ao correr da pena

O CONGRESSO

Tenho pena de não ter estado em Melgaço no dia 1 deste mês. Os afazeres profissionais estão acima de tudo. Mas tenho pena, porque desejaria viver aquela hora única, magnífica, no meio dos meus conterrâneos, vibrar com eles naquele entusiasmo das horas de fé, comungar com eles as alegrias do triunfo de jornada tão sublime!... Tenho pena.

E, no entanto, eu assisto ao Congresso!

Eu admirei aquela empolgante iluminação dos montes de todas as freguesias do concelho. Percorri os seus caminhos, estive em todos os lugares, tomei parte em todas as manifestações do bom povo da minha terra. Que linda a precisão das velas! Que magnífica parada de fé, a da missa campal, ali na Praça da República! Que belos coros, os da Escola do P.º Braz! E que efe to, as vestes dos Bispos e abido! Melgaço nunca tinha visto coisa igual. Mas o q

a minha expectativa, o que excedeu a minha expectativa, o que mais me embriagou, foi o aspecto da multidão imensa, enchendo a Praça, estendendo-se por todas as ruas, vivendo e sentindo o Congresso!

Parabéns, grandes parabéns mereces, povo de Melgaço!

Também estive na sessão da Câmara. Podia eu lá faltar?! E gostei. Gostei imenso de ouvir falar o Dr. Pimenta. O bom amigo foi bem o portavo dos melgacenses. Como sempre, falou com verdade e com sinceridade, interpretando admiravelmente os sentimentos da boa gente de Melgaço. A nossa terra já deve muito ao Dr. Pimenta. Que pena que S. Ex.ª não seja de Melgaço!...

Vi o trabalho dos Párcos, o cuidado com que dirigiam os seus rebanhos, o entusiasmo que comunicaram aos seus pa-

(Continua na 4.ª pág.)

PELA NOSSA TERRA...

DA VILA E ALDEIAS

Noticias soltas Remoães, 23

O vinho

E' encantador o aspecto das ramadas nesta quadra e extraordinariamente prometedora a nasçença.

O vinho existente baixou de preço consideravelmente.

Café Melgacense

Felicítamos, sinceramente, os srs. David Teixeira e Augusto Pires pela bela casa, moderna e confortável, com que dotaram a nossa vila. E' o Café Melgacense.

Novo horário de camionagem

Devido à alteração do horário dos comboios, desde o dia primeiro, do corrente, a carreira mista sai da vila às 8 e 40 e regressa, com saída de Monção, às 17,45.

Exames

Estão a decorrer os exames da 3.ª classe e seguir-se-ão os do segundo grau.

A presidir aos exames da 3.ª classe esteve, na sua e nossa terra, o prof. António da Ascensão Afonso.

S. Bento

No dia 11 do corrente efectuou-se, em Fiães, a tradicional e concorridíssima festividade do S. Bento, festa que é de todo o Concelho, porque todos sobem ao alto de Fiães neste dia.

Santa Marinha

No próximo dia 18 realiza-se a festa de Santa Marinha, em Rouças, festa que é da simpatia e do muito agrado da gente da ribeira.

FALECIMENTO

Confortado com todos os Sacramentos da Santa Madre Igreja, no lugar do Gondomar, desta freguesia, faleceu em 17 do corrente, o nosso saudoso amigo e assinante, Sr. Antonio José Alves, de 59 anos de idade, vítima do desastre de carro de bois, ocorrido no pretérito dia 6 a que já se fez referenciar no numero anterior deste Jornal.

O falecido era homem de bem e muito considerado pelo que o seu funeral, que teve lugar no dia 17, foi muito concorrido, especialmente por pessoas da vizinha freguesia, de Prado, onde o finado contava numerozinhos amigos.

No cortejo funebre, desde a sua casa até à igreja organizaram-se varios turnos cons tituidos por pessoas categorisadas, que pegaram às bórlas do caixão.

Terminada a missa e officios divinos, com a assistencia de 5 sacerdotes, seguiu o cadaver do extinto para o cemitério desta freguesia de Prado, sendo inhumado em sepultura de familia.

Que a sua alma descanse em paz, e o seu cunhado sr. Luiz Manoel Cardoso e demais familia enlutada enviamos sentidas condolencias.—C.

Chaviães, 2

—A Senhora D. Maria de Jesus Domingues, muito digna professora do ensino primário nesta freguesia, partiu para o Porto, afim de consultar clinicos especializados em virtude de impertinente enfermidade que lhe faz suspender as aulas durante parte do mês findo, privando as suas alunas de fazerem exame neste ano. Desejamos-lhe cura para os seus males e que no

A SAMARITANA

DE

Hilário Alves Gonçalves

PRAÇA DA REPUBLICA — MELGAÇO

(Casa fundada em 1927)

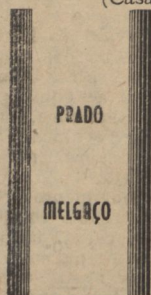
lanificios para fatos de homem; Fazendas de lã e de seda, para vestidos e casacos de senhora; Fantasias e tecidos de algodão das ultimas novidades; Camisaria; Gravatas; Chapeus Guarda-sois; Calçado para homem, senhora e criança; Malhas e Miudezas; Perfumarias e artigos de Beleza; Brinquedos e Bijouterias; Artigos eléctricos e T. S. F.; Papelaria e artigos para escritório; Confeitarias; Mercarias; Vinhos finos e Espumosos

Correspondente da Companhia de Seguros «Tranquilidade»

—Encarrega-se de instalações eléctricas—
A máxima seriedade nas suas transacções.

Bon Marché

(Casa fundada em 1914)



Mercearias, Queijos, Doçarias, Vinhos Verdes e Maduros, Papelaria, Livraria, Artigos Escolares, Velas de Cera, Sal, Escovas e Vasouras, Cordoaria, Louças, Vidros e Miudezas

Grémio da Lavoura de Melgaço

Telefone: 13

PRESTA aos seus associados as melhores vantagens na compra de alfaías agrícolas, adubos, artigos para apicultura e viticultura, farinhas para animais, sulfatos de ferro e de cobre, enxôfre, corda e outros artigos para lavoura.

ENCARREGA-SE, em condições vantajosas, de colocar os produtos dos seus associados no mercado e de obter respostas a consultas que lhe sejam apresentadas sobre assuntos de lavoura.

CONVIDA os associados a aproveitarem os seus serviços e visitarem os seus armazens, verificando as vantagens que podem usufruir quer em preços, quer em qualidades.

GARANTE as qualidades dos artigos que fornece e a sinceridade dos preços.

De viagem

Dr. José Duarte de Almeida

Com sua Ex.ma Esposa e filho, regressou da cidade do Porto o Sr. Dr. José Duarte de Almeida, distinto advogado e notário desta comarca.

P.e Carlos Vaz

Esteve nas cidades do Porto e Braga, o Rev. Carlos António Vaz, pároco de Rouças e arcepreste de Melgaço.

Seminaristas

Já regressaram dos Seminários arquidiocesanos os seminaristas do nosso Concelho, os quais, por este motivo, se encontram em goso de férias.

Albertino Pereira

Com a elevada classificação de 18 valores conclui o 2.º ano do curso teológico, no Seminário de Braga, o seminarista Albertino Pereira, de Castro Laboreiro.

As nossas felicitações.

O anúncio

é a

penicilina

que salva os fracos negócios e faz prosperar na vida o

COMERCIANTE ou INDUSTRIAL

Férias!... Férias!...

Que aborrecimento umas férias sem livros!...

Lere alguns volumes da BIBLIOTECA VOLANTE do «Diário do Minho». Um livro à sua escolha, por 1\$00 durante o mês.

INÊS NEGRA

A Heroína de Melgaço

ERAM casados de pouco, quando foram obrigados a separar-se, porque as exigências da lide guerreira assim o impunham a El-Rei D. João I.

Em plenilúnio de mel, a loura Filipa de Lancastre, afectuosa e ternamente enlaçada no noivo, que a política do pai lhe outorgara, e a quem desde logo a sua alma se rendera, sentiu como que se lhe arrancassem o coração, quando ficou assim, sózinha em terra estranha.

E' certo que a rodeavam donas nobres, e cuvilheiras de qualidade, mas todas eram portuguesas. E' certo que a acompanhavam Prelados, dignatários, e doutores, gente de estirpe ou de consideração, mas pouco de molde a saber consolar-lhe o ânimo saudoso.

Ainda houve, no momento da partida, uma voz que parecia interpretar o seu sentimento. Era Gonçalo Mendes que exclamava:

— «Senhor! N'este Reino sóhia de haver um costume de antigo tempo que o homem no anno que casava, não havia de ir em guerra nem ser constrangido para ella. E vós que ha tão pouco que castastes o queis agora britar e vos ir fóra do reino?»

D. João I, porém, não era homem que a lua de mel edulcorasse molemente, nem que cedesse a exortações de brandura emoliente.

Respondeu com sobre-cenho: «que assim lhe cumpria por defensão da sua terra, e fazer dano a seus inimigos».

E arredou-se do Pôrto, penetrando em Castela, para ajudar o sogro na sonhada conquista do trôno daquele reino.

Fruindo fortuna vária, mas sempre com arreganho, essa pequena hoste, ainda rutilante da glória alcançada em Aljubarrota, Atoleiros e Valverde, atravessou o rio de Maças, entrando em terra inimiga.

Am os dois condestáveis — Nun' Alvares o de Portugal — e João de Hollanda, (irmão do rei de Inglaterra), condestável do duque de Lancastre.

Na vanguarda caminhava o Prior do Hospital, D. Alvaro Gonçalves Came-

E' este o título de um dos belos capítulos, de riquíssima prosa, que o Conde de Subugosa escreveu em «Neves de Antanho».

Para esclarecer os nossos leitores e dizer-lhes da nossa glória em sermos Melgacenses, transcrevemos esse delicioso capítulo.

lo, enquanto que numa das alas montava soberbo Martim Vasques da Cunha, que Mem Rodrigues na sua linguagem imaginadora dizia «ser tão bom como D. Galaaz» o cavaleiro da Távola Redonda. Acompanhava-o a gente do mestrado de Cristo, que levava em vez de bandeira, um grande «prumão» ou penacho de plumas, numa lança de armas.

Na outra ala luzia com garbo Rui Mendes de Vasconcelos, sempre ardido e desenvolto no cometer; Gonçalo Vasques Coutinho, «tão bom como D. Tristão», e outros mais. Era na própria consciência do bando heróico, uma Côrte dêsse novo — Rei Artur, Flor de Lis — D. João I de Portugal.

Seguindo em imaginação a marcha da hoste na sua tarefa atanosa de ataque, de conquista e de rapina, assistimos maravilhados à rude e enérgica actividade deste Rei de 30 anos, ao mesmo tempo severo e lhano, audaz e cauteloso pronto e cruel até, em reprimir, mas generoso no premiar, inexorável com os delinquentes mas afável, familiar e bom camarada com os companheiros de armas.

Verdadeiro chefe, sabia mandar.

Perfeito Rei, na missão paternal, era protector do seu povo.

E ele lá vai montado, galhardamente, vestindo com elegância, o loudel de pano de sirgo branco com a cruz de S. Jorge, incitando uns, gracejando com outros, e discutindo com Nun' Alvares, a precedência na vanguarda, que este não queria ceder ao Duque de Lancastre.

Atacaram Benavente, to maram Roales e Valdeiras e cercaram Vila Lobos, havendo aqui e além escaramuças e correndo-se pontas, sempre com brilho e lustro para a gente portuguesa.

Desafiavam às vezes os inimigos a combates singulares: agora um criado do Condestável Alvaro Gomes que «sem fraldão e bem desenvolto» deu em

terras com um castelhano seu contendor; logo Mamborni pelos portugueses e o francês Ruby pelos castelhanos; aquele levando o bacinete sem cara, este com dois calmais e um gorjal, o que não lhe violto ser posto fora de sela, tombando limpo no chão. Mais depois é a façanha de Rui Mendes que, saindo da sua tenda sem armadura, e apenas com o escudo no braço e lança na mão, dá caça aos castelhanos fazendo-os mergulhar nas águas turvas da cava. Essa imprudência valeu-lhe uma repreensão do Rei, ao qual bem humorado e em tom de graça, o valente responde:

— «A la fé! Eu sou Rodrigo, tão bem las faço, como las digo.»

E logo adiante dá se a escaramuça, junto a Castro Verde, dêsse mesmo Rui Mendes de Vasconcelos, que foi atingido perto do ombro por um virotão, que o feriu.

A cena é descrita tão pitorescamente pelo velho Fernão Lopes, que, para não lhe tirar o sabor, a copiamos tal como ella aparece na crónica:

«E como vieu à tenda e foi desarmado disse a aquellos que eram presentes:

— «Por certo eu sou ferido d'herva.»

«E os outros dizendo que não, elle aprofando que sim, foram-n'o dizer a El-Rei, ao qual pezou muito d'esto, e veiu logo alli por lhe tirar tal imaginação esforçando-o que não era nada, respondeu elle e disse:

— «Senhor, eu ovi sempre dizer que aquelle que ferem com herva, que lhe formegejam os beiços, e a mim parece que quantas formigas no mundo ha, que todas as tenho em elles.»

— «Pois assim é, disse El-Rei, bebei logo da ourina, que é mui proveitosa para esto.»

«Elle disse que não beberia por cousa que fosse; El-Rei afirmando-o todavia, e elle dizendo que não, como mavioso se não, com desejo de sua

saude, por lhe mostrar que não houvesse nojo, gostou da ourina e disse contra elle:

— «E como não bebereis vós do que eu bebo?»

«Ele não o quiz fazer por quanto lhe dizer poderam.

«El-Rei vinha-ov'er cada dia duas e três vezes, e ho terceiro dia estando com ele, falando, dizendo-lhe muitas razões de esforço, ele disse, contra El-Rei:

— «Senhor, eu vos tenho em grande mercê vossas palavras e visitação, mas entendo que em mim não há senão morte...»

«El-Rei como ouviu isto, voltou as costas e saiu da tenda com os olhos nadando em lágrimas... e logo esse dia fez seu acabamento, de cuja morte El-Rei e o Duque e todos os do arraial tomaram grande nojo e tristeza...»

Poderá a nota naturalista, da anedota, ao que se refere à farmacopeia medieval, provocar um sorriso de leve enjô a alguma leitora menos a'eita à prática das rudes tisanas emborcadas per nossos avós.

Mas ninguém se furtará a uma enternecida admiração, sentindo a grandeza da cena.

Na barraca de campanha armada em terra inimiga jazia o bravo batalhador moribundo, padecendo horrores, com os tormentos causados pela lança que os tóxicos violentos do *strophantus* ou da *digitallis*, haviam envenenado, e conhecendo estoicamente os sintomas precursores da morte.

Junto ao catre improvisado, e de entre os companheiros de armas, destacava-se D. João I, camarada nas pelepas e nos triunfos, com as lágrimas baillando-lhe nos olhos, inquieto, ansioso, comovido a ponto de não hesitar na prova do repugnante medicamento, que preconizava como infalível.

Ele às vezes tão duro, que fazia lembrar seu justiciero pai, aquelle lance deixava humanamente revelarem-se requintes de sensibilidade.

Era esse punhado de heróis, cujos ânimos abri-

gavam não só as qualidades brutais e violentas, que levam à vitória, mas as delicadas dedicações e devotadas amizaões prontas para o sacrificio, que fazia exclamar o Duque de Lancastre quando presenciava as suas façanhas:

— «Oh! que bom Portugal!

— «Oh! que bons Portugueses!

* * *

Quando, terminada aquella campanha, no fim do mês de Julho, El-Rei vinha com a sua hoste, de Guimarães pelo Pôrto em direitura a Coimbra, onde então estava a Rainha, ao chegar ao Curval, pequeno povoado a meio caminho das duas cidades sentiu-se acometido de doença.

Dôz de quinta, diagnosticaram os físicos, consultados sobre o caso.

«Que a doença parecia grave» — acrescentavam; — que já tinham caído enfermos muitos dos homens de armas, com a mesma moléstia, causada talvez pelos excessivos calores da estação; e que era conveniente avisar a Rainha.

Partiu logo, a galope, um estafeta sem parar até Coimbra, onde, de visita a sua filha, se achava também o Duque de Lancastre. O mensageiro subiu à Alcáçova, penetrou nas abóbadas que levavam à sala dos arceiros, e, ofegante, descarregou-se do penoso recado.

Logo foi grande e tão ruidoso, o borborinho nos Paços de Coimbra, que chegou aos aposentos de D. Filipa, surpreendendo-a dolorosamente.

Longe de ser, como a alguns se tem afigurado, uma mulher fria, fleugmática, pedaço de gelo importado de Inglaterra, que o sol da nossa terra não logrou derreter; longe de ser apenas uma criatura de dever, forja geradora de *altos infantes*, e rígida disciplinadora de côrte, a loura inglesa, que tão grande missão veio cumprir no mundo, era amável, e ternamente devotada ao marido, que ella sentia «tão concordável ao seu desejo».

Instrução religiosa Porque será?

8.º domingo depois de Pentecostes

S. Lucas, XVI, 1-13.

Naquele tempo disse Jesus aos seus discípulos, havia um homem rico que tinha um feitor e este foi acusado diante dele de ter dissipado os seus bens. Mandou-o chamar e lhe disse: que é isto que cuço dizer de ti? Dá-me conta da tua administração, porque já não poderás ser meu feitor. Então o feitor disse consigo: que hei-de fazer, visto que o meu senhor me tira a administração? Cavar não posso e mendigar tenho vergonha. Já sei o que hei de fazer, para que quando me tirarem o emprego encontre gente que me reciba em suas casas. Tendo chamado, pois, cada um dos devedores do seu feitor, disse ao primeiro: Quanto aves ao meu senhor?—E ele lhe respondeu: Cem barris de azeite. O feitor disse-lhe: Toma a tua obrigação senta-te depressa e escreve cincoenta. Disse ao segundo: E tu quanto deves? Respondeu ele: Cem alqueires de trigo. Disse-lhe o feitor: Toma a tua escrita e escreve oitenta. E o amo louvou este feitor infiel por ter obrado como homem prudente: porque os filhos do século são mais prudentes nos seus negócios que os filhos da luz. E eu vos digo: grangeai amigos com as riquezas da iniquidade, para que, quando necessitardes, vos recebam nos tabernáculos eternos.

Reflexões práticas

O homem rico de que nos fala o Evangelho é o próprio Deus. Sómente Ele se pode chamar rico com propriedade, porque sómente Ele é o Senhor supremo de tudo quanto existe. E o Senhor porque tudo criou de nada. E o Senhor porque tudo depende dele in fieri et in facto esse. Sem o concurso o mundo voltaria ao nada. E o Senhor dos bens materiais, espirituais e sobrenaturais.

Quiz, no entanto, confiar ao homem a administração dum sem número desses bens para que, pelo bom uso que deles fizesse na terra, sendo fiel, activo, zeloso e vigilante, conseguisse a eterna bem-aventurança. Deu-lhe o ser à sua imagem e semelhança: concedeu-lhe a inteligência para o conhecer, coração para o amar, e bens de criatura para melhor o servir.

O seu amor foi ainda mais longe. Introduziu-o no seio da sua própria família, deixando-o e partilhando com ele a herança devida ao Unigénito. Outorgou-lhe a graça santificante, que é o princípio de toda a vida sobrenatural. No homem, e ainda um conjunto de graças actuais, interiores e exteriores, pelas quais hea opto a caminhada para a eterna glória e com forças suficientes para remover todos os obstáculos. Enfim, constituiu o administrador de grande riqueza.

Porém, o homem esquece-se de que tudo é de Deus. Pretende roubar-lhe o seu domínio. E' infiel. Gasta a saúde em ofender a Deus.

Os dons do espirito empregam-se em frivolidades e em escândalos. As riquezas, que deviam ser instrumento de beneficência, gasta-as e dissipa-as em luxos excessivos, em prazeres carnaes e em satisfazer as paixões mais baixas. As graças abundantes, de que ama só devia bastar para o tirar do pecado e consolidá-lo na perfeição, são rejeitadas o desprezadas.

Ora Deus, concededor de todos os actos dos homens e movido pela sua

infinita misericórdia, adverte-o do caminho errado que trilha. Sim, adverte-o pela idade que o faz curvar sob o peso dos anos, pelas rugas do seu rosto e os cabelos brancos de sua cabeça que lhe fazem perder o brilho de ouro, pelas doenças e enfermidades que o assolam e lhe fazem prever o desenlace fatal, pela morte dos visinhos, parentes e amigos de que é testemunha a cada hora, e ainda pelas luzes interiores que constantemente lhe dá. Por ultimo pede-lhe conta.

Chama-o a juizo e vai pronunciar a sentença da qual depende a sua sorte por toda a eternidade.

Feliz daquele que escuta os avisos do Senhor durante a vida e procura grangear amigos que o acolham nos tabernáculos eternos. A esse o Senhor o louvára e premiará pela sua prudência.

Mas quais serão esses verdadeiros amigos?

—Serão todos os bons bras que praticou nesta vida. Serão os pobres, os humildes, os que se não orgulham e se não envergonham de pedir e de receber. Serão os que se não envergonham de pedir e de receber. Serão os que se não envergonham de pedir e de receber.

Ao correr da pena

(Continuação da 1.ª pág.)

roquianos. Creio bem que o triunfo do Congresso se lhes deve em grande parte. Admiravelmente cumpriu o Professorado do Concelho! Sem o seu concurso, seria um jardim sem flores, uma festa sem aroma — o perfume exalado por aquelas centenas de cândidas crianças.

E no meio de tudo, admirei e senti a alma daquela maravilhosa manifestação de fé e de bairrismo: o Arcipreste!

Ele, o P.e Carlos Vaz, foi o idealizador e o obreiro máximo do Congresso. Pode descansar, porque trabalhou!

Melgaço cumpriu e cumpriu bem! Sinto orgulho de ser melgaçense!

Parabens, povo da minha terra!

Eu vivi contigo essas horas inesquecíveis, andei no meio de ti inebriando-me com o teu entusiasmo, percorri contigo to-

Angelina Ilves

Com sua mãe, regressou da cidade de Braga a menina Angelina Alves, da casa da Barbosa.

os presos a quem visitou e consolou. Serão as almas do purgatório a quem abreviou a entrada no céu por meio das suas orações, das suas mortificações e sacrificios que ofereceu em desconto das suas penas. Serão ainda a intercessão da Santíssima Virgem e dos Santos a quem venerou e honrou na terra. Serão esses os verdadeiros amigos conseguidos sem injustiça, que sem nos abandonar na hora de infortúnio e da adversidade, se apresentaram diante do juiz supremo e nos introduziram na mansão celeste.

Pratiquemos, pois, bras salutares que, suavizando a vida presente, tem a virtude de enriquecer o nosso tesouro no céu.

Aproveitemos os dons que Deus nos concedeu e de que nos há-de pedir conta pelo uso que deles fizermos. Façamos com diligência e zelo o que o Senhor e sua Igreja nos ordenam e a recompensa será abundante.

A. CERQUEIRA

Já houve orfeões na nossa terra

Recordamo-nos do belo orfeão do prof. Ribeiro da Silva que, em boa hora, chegada a esta encantadora terra, pensou num orfeão.

E conseguiu-o. Em S. Gregório, lugar orgulhoso e bairrista, com justificadas razões, o D. Castor preparou um belo orfeão que se fez ouvir em S. Gregório e nesta Vila.

Ainda na linda e encantadora festa do dia 13 de Maio, no monte do Facho, o orfeão, ressuscitado, e sob a chefia do consagrado maestro, fez se ouvir nas cerimónias religiosas. Já houve orfeão na nossa terra.

* * *

E, agora, não existe. Porque será?

Vem aí a F. N. A. T.

Disse-nos o amigo Barros que trabalha na cidade de Braga, como ajudante de Notário, que o grupo Folclórico Dr. Gonçalo Sampaio, consagrado

Pelo bem estar social

O Sr. Ministro da Economia continua a batalhar pela baixa de preços dos géneros.

Ultimamente anunciou e decretou que as refeições nos hotéis e pensões baixassem 10 por cento.

Não somos velhos e recordamo-nos de pagar nos hotéis da Baixa em Lisboa 45\$00 e 55\$00 de diária.

Pois, sem o serviço ter mudado, pagamos 75\$00.

O Sr. Ministro tem pugnado e tem obtido a baixa de preço dos géneros. Não fazia sentido que, podendo-se comprar o mesmo género a preço razoável, os hotéis e as pensões conservassem o mesmo custo.

Estamos com o Sr. Ministro da Economia.

grupo artístico da F.N.A.T., daquela cidade vem a Melgaço.

Será verdade? Mais nos disse que haveria uma tarde desportiva, com uma formidável partida de futebol e uma noite de arte, com belíssimos cantares e graciosos bailados.

E o Barros não nos enganava, com certeza. Vem aí a F.N.A.T.?

Capitão Amadeu César Lopes

Conclui o curso para o posto imediato o nosso querido amigo Capitão Amadeu César Lopes.

Por tal motivo deixou o comando da 3.ª companhia da Guarda-Fiscal, em Valença e foi colocado, no Batalhão da Guarda-Fiscal, no Porto, como 2.º Comandante.

A notícia que o Comandante Geral, desta corporação, Brigadeiro Afonso May, dera na posse do primeiro Comandante do mesmo Batalhão, o Major Nogueira Soares, alegrou todos os amigos do Capitão Amadeu.

Nós que o contamos entre os verdadeiros amigos não podíamos esquecer esta promoção honrosa e aguardamos o dia em que o possamos abraçar pela promoção ao posto imediato.

O Plebiscito em Espanha

MADRID, 8 — Ainda que sujeitos a rectificação, apresentam-se os seguintes resultados no plebiscito:

Votaram «sim», 12.628.983 eleitores;
Votaram «não», 643.501;
Branças, 295.208 listas
Anuladas, 25.669

A percentagem de aprovação sobre os votantes foi, assim, de 89,86 por cento.

O eleitorado era de 16.187.992 cidadãos, dos quais 14.054.426 exerceram o direito de voto, ou seja 78,1 por cento do total.

Director e Administrador:
P.e JÚLIO HILARIÃO VAZ

Redacção e Administração provisórias: Residência paroquial de Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Distrito do Minho, Limitada» — Braga
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:
Dr. JÚLIO OUTEIRO ESTEVEZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 15\$00

MELGAÇO, 15 de Julho de 1947

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ANO II

N.º 13